

NOÇÕES DA SEMIÓTICA PEIRCEANA

Lealis Guimarães Frederico*

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo apresentar noções da Semiótica peirceana, ressaltando a importância desta ciência fundamentada nas três categorias do pensamento presentes na análise lógica de todo e qualquer sistema de signos, ou seja, da linguagem verbal e da não-verbal. Aplicam-se as teorias peirceanas também ao estudo do contexto urbano.

ABSTRACT:

This article aims at presenting notions on Semiotics developed by Peirce, emphasizing its importance based on the three categories of the thought present in the logical analysis of all and any system of signs, that is, of the verbal and non-verbal language. Thus, Peircean theories are also applied to the study of the urban context.

KEY-WORDS: Peircean Semiotics - thought categories - verbal and non-verbal language - urban context.

UNITERMOS: Semiótica de Peirce - categorias do pensamento - linguagem verbal e não-verbal - contexto urbano.

INTRODUÇÃO:

É necessário reconhecer-se, no século XX, o desabrochar de duas importantes ciências que estão em pleno desenvolvimento: a Lingüística e a Semiótica. A primeira estuda apenas a linguagem verbal e a segunda, também chamada Semiologia, preocupa-se com qualquer tipo de linguagem. Há quem faça distinção entre Semiótica e Semiologia. Já outros afirmam que a única diferença está na utilização do termo Semiologia pelos europeus e Semiótica pelos anglo-saxões. Sabe-se que, nas linhas de pesquisa da Semiótica, destacam-se a francesa, a russa e a norte-americana, com Peirce. Através desta ciência, abre-se um novo campo de investigação científica que analisa os mais variados processos de comunicação.

* Docente de Língua Portuguesa do Centro de Estudos Superiores de Londrina - CESULON.

No Brasil, os estudos semióticos propriamente ditos tiveram início em 1972, quando as obras de Peirce passaram a ser reconhecidas pelo público, mas só em 1974 foi fundada a Associação Brasileira de Semiótica. Entretanto, os poetas concretistas Décio Pignatari e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos já despertavam, na década de cinqüenta, o interesse brasileiro pela Semiótica, com a publicação de atividades teóricas do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil.

A SEMIÓTICA DE PEIRCE

Charles Sanders Peirce (1839-1914), físico, matemático e filósofo norte-americano, foi o criador da lógica da linguagem, denominada por ele Semiótica. O interesse dele era entender os métodos de raciocínio das ciências, sendo considerado um dos pensadores mais coerentes deste século. A Semiótica é uma ciência com campo tão vasto que dificulta o estabelecimento de limites, pois estuda-se a realidade cultural, o contexto, todas as espécies de sistemas sógnicos que rodeiam o homem, ou seja, a linguagem verbal e a não-verbal.

A comunicação verbal se realiza através da língua que pode ser oral ou escrita. A não-verbal se manifesta pela expressão do corpo humano (olhar, gesto), por gráficos, imagens, números, sons musicais, luzes e mais uma infinidade de linguagens. Determinada maneira de se vestir, o uso que se faz das cores, dos tecidos, das marcas, tudo mostra claramente as preferências de cada pessoa, como ela gosta que os outros a vejam. Os signos de auto- imagem são linguagens muito eficazes para a comunicação humana.

Em virtude disso, a leitura semiótica "se faz colada ao objeto lido, seja ele qual for" (FERRARA. 1988,p.1). Mesmo assim, é sempre parcial a representação de um signo em relação a um objeto, embora, segundo Lucrecia D'Aléssio Ferrara, o próprio Peirce já dissesse que não se consegue pensar sem signos. Deve-se entender que "o signo não é, pois, um objeto com determinadas propriedades, mas uma relação ou uma função". (EPSTEIN. p. 29)

A fenomenologia peirceana é "a descrição e análise das experiências que estão em aberto para todo homem, cada dia e hora, em cada canto e esquina de nosso cotidiano"; (SANTAELLA. p.41), como o perfume de uma flor, a buzina de um carro, um fecho de luz (interferências externas) ou uma lembrança, um desejo, um sentimento, uma relação de amizade (interferências internas). Não há necessidade de um processo semiótico intencional. E, como toda semiótica de Peirce é triádica (isto é, de três em três), todas as coisas que se apresentam ao ser humano podem ser caracterizadas em três "categorias de pensamento e da natureza", estabelecidas por ele como sendo os três modos de os fenômenos se apresentarem à consciência. Para melhor compreensão dessas categorias, é necessário entender a diferença entre consciência e razão. A lógica peirceana explica que a consciência representa as idéias em diferentes profundidades e em permanente mobilidade, enquanto a razão é a camada superficial da consciência. Portanto, a razão é parte da consciência.

Para Peirce, "as categorias do pensamento e da natureza" têm a função de "analisar todas as experiências, entendendo ser a primeira tarefa da filosofia, estabelecendo então a gradação das três propriedades desta análise, necessárias para a

apreensão- tradução dos fenômenos." (SANTAELLA,p.56)

As denominações das categorias datam de 1867 e foram assim estabelecidas por Peirce:

- 1ª. Qualidade;
- 2ª. Relação, sendo depois substituída por Razão;
- 3ª. Representação, depois passando a Mediação.

Após algum tempo, Peirce resolveu criar outras denominações científicas para as três categorias: primeiridade, secundidade e terceiridade.

A experiência de primeiridade ou monádica é a impressão de qualidade, a captação do fenômeno de maneira espontânea ou imediata.

Já a experiência de secundidade ou diática é a construção do signo, a consciência da parte inserida no todo, a relação com a materialidade, com a exterioridade, havendo a binaridade EU versus OUTRO, sem o governo da razão, da intenção. "Esta noção de ser aquilo que outras coisas nos fazem ser é parte tão proeminente de nossa vida que concebemos outras coisas como existindo em virtude de suas reações umas contra as outras". (SANTAELLA. p. 65).

A terceiridade, ou experiência triádica, completa, ou seja, aproxima a primeiridade e a secundidade num nível de inteligibilidade.

Então, a idéia é a primeiridade (ícone), o objeto é a secundidade (índice) e o interpretante, já na terceiridade (símbolo), faz a ligação entre os dois, numa interpretação do mundo. Esta interpretação é feita "ad infinitum" porque um pensamento é sempre traduzido em outro pensamento, em movimento contínuo. Assim, quando se precisa entender uma palavra, busca-se outra palavra no dicionário para substituí-la e este processo continua sucessivamente. Conclui-se que "o 3º pressupõe o 2º e o 1º; o 2º pressupõe o 1º; o 1º é livre". (SANTAELLA,p.52)

A SEMIÓTICA DE PEIRCE E O CONTEXTO URBANO

A Semiótica de Peirce também se aplica à análise do contexto urbano, representado pela realidade sógnica das praças, ruas, avenidas, edificações. Assim entendem-se as três operações fundamentais: percepção das características físicas (primeiridade), leitura ou uso (secundidade) e interpretação, ou seja, transformação do ambiente urbano (terceiridade). No contexto urbano, várias linguagens, como a arquitetura, a programação visual, o desenho industrial de equipamentos, os veículos, a publicidade, bem como a tecnologia do processo de industrialização, inserem-se num único conjunto. Fazem parte de um contexto interpretado pelo usuário, sendo aceito ou rejeitado por ele, conforme seu gosto, seu pensamento, seu desejo. Esta é a linguagem do usuário, é a sua fala.

" A transformação da cidade é a história do uso urbano como significado da cidade. Sua vitalidade nos ensina o que o usuário pensa, deseja, despreza, revela suas escolhas, tendências e prazeres", segundo Lucrécia Ferrara. (1988, p.4)

Daí, através do uso, consegue-se a identificação do espaço urbano, tanto no aspecto social quanto no econômico e cultural. O homem está sempre buscando compreender os fenômenos, descobrindo significação mesmo que, às vezes, nem

perceba que o seu cotidiano está repleto de linguagem. Ferrara comprova isto, afirmando que " a cidade, enquanto texto não-verbal, é uma frente informacional rica em estímulos criados por uma forma industrial de vida e de percepção" (1991, p.19). Esta percepção não é apenas sonora, visual ou táctil, mas variada, plurissígnica.

CONCLUSÃO

Entre os filósofos deste século, Peirce representa a novidade de não separar a construção de pensamento filosófico dos avanços científicos modernos. A Semiótica peirceana, que é a teoria dos signos em geral, provocou o desenvolvimento das mais variadas Semióticas, especiais, através da descrição, análise e interpretação de suas linguagens características. Tem-se, então, a Semiótica da literatura, do teatro, dos gestos, dos jornais, da arquitetura e outras mais. Assim sendo, tudo está cercado de sistemas sígnicos, de linguagens. A compreensão de um sistema sígnico implica a integração da linguagem com seu usuário e a situação em que ela é utilizada, ou seja, o seu contexto.

BIBLIOGRAFIA

- EPSTEIN, Isaac. O Signo. São Paulo:Ática,Princípios,1991.
- FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. Leitura sem Palavras. São Paulo: Ática,Princípios, 1991.
- _____ Ver a Cidade. São Paulo:Nobel,1988.
- GUIRAUD, Pierre. "Introdução: A Semiologia". In: A Semiologia. Trad. de Filipe C.M.Silva, Lisboa:Presença; São Paulo:Martins Fontes, 2 ed.,p.7-11.
- RECTOR,Mônica. "Semiótica e Sociedade:Apresentação". In: Anais do Primeiro Colóquio de Semiótica. São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro:PUC, 1980,p.137-139.
- SANTAELLA, Lúcia. O que é Semiótica. São Paulo:Brasiliense,Primeiros Passos,103,1984.